

Uma economia com alma, a economia de Francisco e Clara

“... uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta.”
Papa Francisco

João Sucupira¹

A crise e uma nova economia

O sistema de produção vigente na grande maioria dos países caracteriza-se pela lógica do crescimento ilimitado do consumo e da produção, pela ganância e concentração da renda, desemprego estrutural e pela alienação dos seres humanos. Um sistema onde o capital é o sujeito e trabalhadores o objeto, onde a vida deixou de ser o valor central das relações socioeconômicas.

O Papa Francisco, diante do aprofundamento da longa crise econômica, política, cultural e socioambiental pela qual estamos passando, está articulando uma aliança para **animar** a economia. Animar não com mais investimentos para impulsionar o PIB dos países ou a partir de outras políticas econômicas tradicionais. Não se trata de retomar o ritmo da economia, de revigorar o capitalismo. Francisco quer dar **alma** à economia e isso implica em organizar a produção e os fluxos econômicos de bens e serviços com base na solidariedade.

Solidariedade inspirada nas vidas de Francisco e Clara de Assis, exemplos do cuidado pela natureza e adeptos de um modo simples de viver. Francisco e Clara viveram no século XIII e eram filhos de famílias prósperas. Abandonam a opulência, a vida do conforto e assumem de forma autêntica a austeridade e a pobreza. “Escolhem por abandonar a riqueza e o luxo da família para abraçar com alegria a simplicidade e a pobreza voluntárias como modo

¹ Economista, mestre em administração, graduando em teologia e professor do Departamento de Teologia, Setor de Cultura Religiosa da PUC-Rio.

de vida... Clara foi uma mulher que encarnou as virtudes do Sagrado Feminino”².

Ao colocar São Francisco e Santa Clara como referências para uma nova economia o Papa Francisco está apontando para uma mudança radical do que deve ser prioritário quando se trata da economia. Está apostando no resgate de valores humanitários, no protagonismo dos jovens, na transformação necessária para a garantia de uma vida plena para todos.

A presente crise é, na verdade, a crise do próprio ser humano. Como tem dito o Papa, a economia está doente e precisa ser humanizada a partir do enfrentamento das causas das desigualdades. Em outras palavras, do questionamento do sistema capitalista concentrador da riqueza e gerador da exploração gananciosa, agora na sua versão mais cruel, a financeira.

A finança sufoca a economia real. Não se aprendeu a lição da crise financeira mundial e, muito lentamente, aprende-se a lição do deterioramento ambiental. Em alguns círculos, defende-se que a economia atual e a tecnologia resolverão todos os problemas ambientais, do mesmo modo que se afirma, com linguagens não acadêmicas, que os problemas da fome e da miséria no mundo serão resolvidos simplesmente com o crescimento do mercado (Laudato Si, n. 109)

Para reafirmar que a crença numa “concepção mágica do mercado, que tende a pensar que os problemas se resolvem apenas com o crescimento dos lucros das empresas ou dos indivíduos”³ é um equívoco, o Papa recorre à Carta Encíclica do Papa Bento XVI, *Caritas in veritate*, de junho de 2009, “o mercado não consegue gerar a coesão social de que necessita para bem funcionar. Sem formas internas de solidariedade e de confiança recíproca, o mercado não pode cumprir plenamente a própria função econômica”⁴.

² Arruda, Marcos (maio de 2020)

³ Laudato Si (n. 190)

⁴ Caritas in veritate (n.35)

Não é da natureza da economia de mercado livre, do neoliberalismo, gerar a inclusão social⁵. A atividade econômica tem que ser um meio e não um fim em si e deve estar a serviço de uma vida digna e não para atender uma meta de crescimento. O crescimento econômico não pode ser visto como a chave do sucesso nem ser o condicionante do exercício político.

É irracional, por exemplo, desmatar para expandir as fronteiras das fazendas de gado na Amazônia, sob o argumento do dinamismo da economia de um setor, região ou país, assim como gastar bilhões na produção de armas, quando parte considerável da população mundial vive na pobreza. O sentido da economia não está apenas no modo como geramos a riqueza, mas como utilizamos os recursos e como a distribuímos.

O presente artigo foi motivado pelo convite do Papa Francisco aos jovens economistas e empresários, mulheres e homens, para discutir e construir uma nova economia.

A nova economia e a Doutrina Social da Igreja

A história da Doutrina Social da Igreja está repleta de análises e propostas no sentido de tornar justa as relações sociais e econômicas e defender a dignidade humana. Temos que louvar a coragem e a determinação do nosso Papa Francisco e reconhecer o esforço de todos que o antecederam e fizeram a história da doutrina social da Igreja. Lembremos que o Papa Leão XIII ao lançar a Encíclica *Rerum Novarum*, em maio de 1891, contribuiu com o movimento dos operários na luta pela dignidade do trabalho.

O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como de vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor de seus

⁵ Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado. O crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento econômico, embora o pressuponha; requer decisões, programas, mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo (*Evangeli Gaudium* n. 204).

braços. O cristianismo, além disso, prescreve que se tenham em consideração os interesses espirituais do operário e o bem de sua alma (Rerum Novarum, n. 10).

Leão XIII propõe que o trabalho não seja uma mercadoria e os salários não sejam determinados pelas forças do mercado, pois dependendo da conjuntura o trabalhador poderia vir a aceitar qualquer remuneração. Nas negociações para fixar o salário, Leão XIII defendia que “acima da sua livre vontade está uma lei de justiça natural, mais elevada e mais antiga, a saber, que o salário não deve ser insuficiente para assegurar a subsistência do operário sóbrio e honrado (Rerum Novarum, n. 29). Esta defesa para assegurar a subsistência do operário sóbrio e honrado, pelo respeito a um salário digno, que terminou sendo o fundamento da existência do salário mínimo, como tantas outras teses defendidas pelos Papas que se sucederam e contribuíram para a Doutrina Social da Igreja, é um exemplo da busca por uma economia mais humana.

Porém, a iniciativa do Papa Francisco, além de ser extremamente tempestiva, é muito mais do que um capítulo da luta da Igreja pela melhoria das condições sociais. As exigências de mudanças estruturais são tão significativas e impactantes que se pode prever sérias resistências na medida que contraria os interesses dos poderosos. O que está em pauta é a viabilização concreta da opção declarada pelos pobres. “Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum”, diz o Pontífice (Laudato Si, n.158). Portanto, trata-se de um posicionamento da Igreja contra toda forma de exploração e por uma sociedade justa e solidária.

O Encontro do Papa com os Jovens

No dia primeiro de maio de 2019, quatro anos após a divulgação da Laudato Si, o Papa convida jovens economistas, empresários e empresárias de todo o mundo para participar de um evento em Assis, Itália, planejado para

os dias 26 a 28 de março de 2020, com o intuito de formar uma aliança capaz de mudar a lógica e as práticas dos agentes econômicos.

Um convite providencial na medida que foca a discussão nas exigências do bem comum, a partir de uma economia atenta às questões socioambientais. Em sua mensagem fez questão de lembrar que o cuidado com o meio ambiente não pode ser divorciado da busca pela justiça social e enfatiza a urgência de um novo modelo econômico.

... precisamos corrigir modelos de crescimento incapazes de garantir o respeito ao meio ambiente e à vida, a preocupação com a família, a igualdade social, a dignidade dos trabalhadores e os direitos das gerações futuras. (Carta do Papa Francisco para o evento *Economy of Francesco*).

A carta é um convite para que os jovens se comprometam com a transformação da realidade social. Em sua mensagem o Papa lembra o que escreveu na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (n. 174)

Acompanho as notícias do mundo e vejo que muitos jovens, em tantas partes do mundo, saíram para as ruas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna. Os jovens nas ruas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não “olheis da sacada” a vida, entrai nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou...

Em função da pandemia (Covid 19), o evento de Assis teve que ser adiado para os dias 19 a 21 de novembro. Será totalmente *on line* e, além dos jovens, contará com a presença do Papa e de alguns renomados economistas, entre eles, os premiados com o Nobel

(Amartya Sen, Muhammad Yunus e Joseph Stiglitz). O fato de não poder ser presencial pode trazer perdas em termos de pressão política no cenário internacional. A repercussão na mídia internacional de três mil jovens com o Papa Francisco em Assis certamente seria grande. Por outro lado, o formato de comunicação remota poderá gerar ganhos de participação, em função da facilidade de acompanhar em tempo real as discussões em todas as partes do planeta.

Um novo modelo econômico e a Laudato Si

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco vem nos alertando sobre a necessidade de um novo modelo econômico, baseado na solidariedade, na igualdade e em novos padrões de produção e consumo, para garantir um futuro digno. De fato, está se tornando urgente criar as condições para um tipo diferente de economia, onde haja inclusão e promoção da vida. Os sinais catastróficos são frequentes, mas a resistência conservadora de líderes das nações mais poderosas e das gigantescas corporações ainda são barreiras às mudanças necessárias para o surgimento de uma nova economia.

Um passo muito importante foi a publicação, em junho de 2015, da Encíclica Laudato Si. Nela, o Pontífice trata dos problemas estruturais da economia global. Chamando o planeta de Casa Comum, foca no grave problema da desigualdade, ressalta que tudo está conectado, discorre sobre as causas do aumento do aquecimento global, critica a submissão da política à finança, desenvolve o conceito de “ecologia integral”, analisa a incapacidade das conferências internacionais de responder à crise climática, chama a atenção para a crise ética da humanidade e aponta várias ações para ajudar “a sair da espiral de autodestruição onde estamos afundando” (Laudato Si, n.163).

Ao reconhecer a raiz humana da crise ecológica, Francisco destaca dois aspectos que nos ajudam a compreender as raízes da degradação do meio ambiente e

as causas das desigualdades sociais. O primeiro, a mentira da disponibilidade infinita dos recursos do planeta.

Trata-se do falso pressuposto de que «existe uma quantidade ilimitada de energia e de recursos a serem utilizados, que a sua regeneração é possível de imediato e que os efeitos negativos das manipulações da ordem natural podem ser facilmente absorvidos» (Laudato Si, n. 106).

O segundo tem a ver com o método e a submissão da tecnociência à lógica do paradigma tecnocrático, que condiciona a vida das pessoas em todas as dimensões. Na Laudato Si (n. 107), o Papa afirma que:

É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder. Certas opções, que parecem puramente instrumentais, na realidade são opções sobre o tipo de vida social que se pretende desenvolver.

A Laudato Si é, certamente, um documento importante para orientar o debate sobre os desafios a serem enfrentados pela humanidade e para gerar transformações concretas. Suas análises são atuais, construtivas e, certamente, serão as bases das propostas que sairão de Assis. Ao contrário do que algumas pessoas afirmam, não é um documento que trata apenas dos macros direcionamentos, mas tem a pretensão de introduzir novas metodologias e práticas inovadoras.

Por exemplo, no penúltimo capítulo⁶, a Laudato Si propõe que no estudo de impacto ambiental de um empreendimento sejam exigidas respostas a questões que demonstrem o respeito aos direitos dos diversos interessados e os limites assumidos como invioláveis.

dever-se-ia pôr uma série de perguntas, para poder discernir se o mesmo (empreendimento) levará a um desenvolvimento verdadeiramente integral: Para

⁶ Algumas Linhas de Orientação e Ação (n. 185).

que fim? Por qual motivo? Onde? Quando? De que maneira? A quem ajuda? Quais são os riscos? A que preço? Quem paga as despesas e como o fará? Neste exame, há questões que devem ter prioridade. Por exemplo, sabemos que a água é um recurso escasso e indispensável, sendo um direito fundamental que condiciona o exercício doutros direitos humanos. Isto está, sem dúvida, acima de toda a análise de impacto ambiental numa região.

A condicionalidade às tais questões cruciais antes de iniciar um empreendimento resultaria numa inversão de prioridades e no respeito à ética da responsabilidade. Na prática as decisões não poderiam se basear apenas nos indicadores econômicos. Ao exigir informações sobre “a quem ajuda”, “quais os riscos” e “quem paga”, está se colocando em primeiro plano a questão ética. Assim, mesmo numa situação de grande retorno econômico, por exemplo, de uma nova usina hidroelétrica, isto não deveria ser uma justificativa suficiente para o início da obra, se as perdas provocadas às pessoas localizadas no entorno não forem devidamente levadas em conta ou se há riscos elevados de danos ambientais inaceitáveis. O que se pretende é exigir seriedade na elaboração dos projetos e responsabilidade no processo decisório. Como deveria ser elaborado, aprovado e executado um determinado projeto de grande impacto para que desastres ambientais e mortes pudessem ser evitadas? Vejamos o que propõe a *Laudato Si*:

Um estudo de impacto ambiental não deveria ser posterior à elaboração dum projeto produtivo ou de qualquer política, plano ou programa. Há de inserir-se desde o princípio e elaborar-se de forma interdisciplinar, transparente e independente de qualquer pressão econômica ou política. Deve aparecer unido à análise das condições de trabalho e dos possíveis efeitos na saúde física e mental das pessoas, na economia local, na segurança⁷.

⁷ *Laudato Si* n. 183.

A preocupação com a interdisciplinariedade diz respeito ao processo de ligação entre os diferentes saberes, à capacidade de diálogo entre as diversas ciências e, conseqüentemente, leva à redução dos riscos. Articulações para construir o novo, a partir da interdisciplinariedade, participação e da transparência tendem a reduzir as pressões econômicas no processo decisório e, assim, melhorar a análise das condições de trabalho e seus efeitos na saúde física e mental das pessoas.

Portanto, se houvesse mais seriedade na elaboração de projetos e “rigor” na aprovação de construções de barragens, usinas hidroelétricas, mineradoras, entre outros, não teríamos que suportar a dor das perdas vitais, causadas pela redução de despesas para maximizar o lucro no tempo mais rápido. Em economês: rápido retorno do dinheiro investido e maior acúmulo de capital.

Mas, e quanto ao “rigor” na aprovação? O que o Papa propõe não se restringe a regras formais típicas de projetos, mas principalmente à participação das populações potencialmente impactadas nas decisões. Significa valorizar processos políticos transparentes e participativos e não apenas aos ganhos financeiros. Trata-se de mudar o paradigma tecnocrático, onde o avanço tecnológico e as finanças são os definidores, e ao mesmo tempo introduzir maneiras de alcançar decisões éticas.

Apesar do embasamento e das políticas e ações apontadas na *Laudato Si*, o Papa Francisco lamenta que poucos ouviram o apelo para repensar e transformar suas práticas⁸. Os Estados Unidos, principal potência e um dos maiores responsáveis pela emissão de gases na atmosfera, logo após a eleição do presidente Trump, iniciaram sua saída do acordo de Paris (COP 21) e o governo brasileiro abandonou o compromisso de reduzir o desmatamento da

⁸ Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”.

floresta amazônica, como estava na proposta oficial acordada em Paris.

Como se vê, era preciso mais alguns passos. O Papa Francisco, atento à urgência das transformações e ciente das resistências às propostas da *Laudato Si*, propõe o Pacto Global pela Educação que ocorrerá em outubro desse ano e articula para novembro a presença de milhares de jovens de todo o mundo para dar “voz aqueles que não têm e propor novos estilos de vida”⁹.

Considerações finais

Neste artigo se discutiu as ideias, propostas e o chamado do Papa Francisco para uma nova economia que tenha como referência a solidariedade. Vimos que a humanização da economia é tarefa urgente em função do fracasso do modelo de desenvolvimento vigente, gerador de tantas injustiças sociais e danos à natureza. O Papa mais uma vez se coloca em defesa dos pobres e do cuidado com o planeta, nossa casa comum. Por fim, mesmo cientes de que o desafio é enorme, a expectativa é de que o encontro com os jovens, em novembro próximo, seja um momento privilegiado para o surgimento de ideias, planos, acordos, alianças, pactos e ações que resultem em compromissos exequíveis e transformadores em direção à ética social.

Referências bibliográficas

Arruda, Marcos. A visão biocêntrica da economia: aprendendo da economia de Francisco e Clara. Texto elaborado para o Programa de formação multiplicadora e continuada do FMCJS. Guapimirim, maio de 2020.

Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco. *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. Paulus e Edições Loyola. 2015.

Carta Encíclica do Sumo Pontífice Bento XVI. *Caritas in veritate*, sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Junho de 2009.

http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/docme nts/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html

⁹ Ibid. 6

Carta Encíclica do Sumo Pontífice Leão XIII. Rerum Novarum sobre a condição dos operários. Maio de 1891.
http://www.vatican.va/content/leoxiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html

Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco. Maio de 2019.
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html.

Exortação Apostólica Pós-Sinodal – Christus vivit do Santo Padre Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus. 25 de março de 2019.
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazioneap_20190325_christus-vivit.html

Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no Mundo Atual. 24 de novembro de 2013.
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html